

# *Madeleines perdidas*

**Josimey Costa**  
Jornalista

Sabe aquele amigo invisível, que toda criança tem, embora apenas ela acredite nele? É você. Não sou mais nenhuma criança, é bem verdade, nem você é invisível e, ainda por cima, não é nenhum consenso que seja amigo. Detalhes, caro, apenas detalhes. O importante, para mim, é que você só fala comigo na hora em que eu desejo, só responde o que quero e, se começa a me dar trabalho, resolvo o problema com alguma raiva e uma tecla: a de desligar (cá entre nós, sei muito bem que essas qualidades fazem de você o sonho de filho para alguns pais, mas, para sua sorte, a tecnologia ainda não chegou a tanto).

Alguns hão de dizer que, para lhe dispensar o tratamento de um amigo, seria necessária uma verdadeira revolução paradigmática, além de tecnológica. Existem diferenças demais entre nós. Só que para alguma coisa o antropocentrismo há de servir, não é? Portanto, e uma vez que você não pode mesmo impedir, conversemos.

Já aconteceu com você de não conseguir descansar?

Comigo, já. Nessas horas, tenho a impressão de que meus ossos não cabem no invólucro da carne. Como se eu fosse uma boneca desengonçada, com juntas inexatas, que nunca consegue ficar parada numa posição razoável. O corpo vira um sofá desconfortável, mole ou duro demais e sempre pequeno. Às vezes, até com umas molas soltas (ainda fazem sofás com molas?) querendo pular para fora. Quem consegue dormir com um sofá assim? Não eu, com certeza.

É claro que tem um lado bom em sentir-se assim, como acontece, aliás, com tudo no mundo. Quando meu corpo reclama de si, eu presto atenção nele. É tão raro a gente prestar atenção no próprio corpo... Na maior parte das vezes, ele é apenas um meio, um veículo pouco exigente. Se não incomoda, não existe. E, se não existe, bem pouco prazer pode proporcionar.

Aí está: prazer. Lamento muito que você não tenha a menor noção disso (certo, certo, estou sendo cínica), mas, se lhe serve de consolo, os adultos da espécie humana também não sabem muito bem o que é isso. E nem poderia ser diferente. Desde que o homem tornou-se mulher ou vice-versa, e note que isso acontece desde o início da história, o prazer é um vilão. Como se fosse um decreto: estão, para sempre, interditados o riso, a despreocupação, a indolência, o gozo, a transgressão e todos os derivados. Revogam-se as disposições em contrário.

É evidente que isso não poderia dar em boa coisa. Você entende de leis, especialmente as da física. A da inércia é sua íntima, claro. Seus circuitos que o digam. Pois fique sabendo que é graças às leis da eletricidade, à condução e à indução que você serve para interagir comigo. Você é um poço de contradições internas. E nem ouse insinuar que estou sendo óbvia. Faz muito pouco tempo que a física começou a descobrir que as leis são mesmo feitas para serem transgredidas. É por isso que são leis.

No caso do prazer, a legislação funciona exatamente como deve funcionar. Transgredir dá prazer. O único problema é que nós, adultos humanos, civilizados e criadores da linguagem binária (nunca, jamais se esqueça desse fato, Proteu) acabamos invertendo isso. Como esquecemos outros prazeres, colocando o erótico no pódio dos resquícios. Não acredita? Eu provo.

Você, que nunca foi criança, não pode mesmo lembrar-se. Eu, sim. Outros, também. Corpo de criança não é diferente só porque é mais novo. É diferente porque é, inteirinho, fonte de prazer. Prazer de mover-se sempre, muito. De correr, não de nada, mas só para sentir o vento e perceber a pulsação, o sangue correndo, latejando. O suor não incomoda, nenhuma secreção traz desgosto. Há tanto prazer nessas coisinhas, que são a pura demonstração de que o corpo está vivo, quanto nas mais refinadas que os adultos inventaram para transgredir.

Pois é, eu aqui, a bordo do meu sofá de molas, penso que, se fosse criança, não seria o sofá, mas a mola. E, obediente às leis da dinâmica, pronta para pular. Se não consigo descansar, pode ter certeza: é porque não me canso o suficiente. Só quem se cansa com o prazer é que pode ter o prazer de descansar.